

Roma, 1958

Estava enfermo

Vi um homem engessado numa enfermagem de hospital. Tinha o tórax e um braço, o direito, imobilizados. Com o esquerdo, esforçava-se para fazer tudo... como podia. O gesso era uma tortura, mas o braço esquerdo, embora mais cansado à noite, fortalecia-se trabalhando por dois.

Nós somos membros uns dos outros e o serviço recíproco é *nosso dever*. Jesus não só nos aconselhou isto, *ele mandou*.

Quando servimos alguém pela caridade, não pensemos que somos santos. Se o próximo estiver sem forças, devemos ajudá-lo, e ajudá-lo como ele mesmo se ajudaria, se pudesse. Do contrário, que cristãos somos nós?

Se um dia chegar a nossa hora de precisar da caridade do irmão, não nos sintamos humilhados.

No dia do juízo final ouviremos Jeus repetir: “Estava ... doente ... e me visitaste”¹, estava preso, estava nu, estava com fome..., Jesus gosta de se esconder justamente no sofrimento, no necessitado.

Portanto, sintamos também naquela hora a nossa dignidade e agradeçamos de todo coração a quem nos ajuda. Mas, reservemos o agradecimento mais profundo a Deus, que criou o coração humano caridoso; a Cristo que, proclamando com seu sangue a Boa Nova, sobretudo o “seu” mandamento, levou um número sem fim de corações a se desdobrarem em ajuda mútua.

(...)

Chiara Lubich

(Escritos Espirituais 1 - *A atração do tempo moderno*, Cidade Nova, São Paulo, 1983)

¹ Mt. 25, 36.